Entrevista no telejornalismo: configurações históricas da vigilância em programas de entrevista¹

Fernanda Mauricio da Silva²

---

1 Texto originalmente apresentado durante o 10º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor), realizado em novembro de 2012, em Curitiba. O artigo foi realizado com apoio da Universidade Paulista.

2 Doutora em Comunicação e Cultura Contemporâneas pela Universidade Federal da Bahia. Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Paulista (UNIP). fernandamauricio@gmail.com.

Resumo

A entrevista é um formato do jornalismo constantemente associado a valores como interesse público, vigilância e objetividade. Na televisão, ela parece assumir contornos ainda mais evidentes de qualidade de apuração e busca por uma informação mais aprofundada. O presente artigo pretende demonstrar que essas concepções são construídas historicamente a partir de uma relação entre o telejornalismo e a cultura. Sendo assim, propomos uma breve análise sobre o modo como a entrevista foi se legitimando no telejornalismo e incorporando seus valores, especialmente o de vigilância. Para isso, assumimos que o telejornalismo é uma forma cultural e que as formas de fazer entrevista se articulam fortemente com o contexto cultural que a insere. Ao final, apresentamos alguns caminhos metodológicos para a análise do telejornalismo.

Palavras-chave

Entrevista, telejornalismo, história cultural, vigilância.

Abstract

The interview is a format in journalism constantly associated with values such as public interest, surveillance and objectivity. On television, it seems to take on even more evident quality of data verification and search for a more in-depth information. This article argues that these conceptions are historically constructed from a relationship between television news and culture. We therefore propose a brief review of how interview entered the television journalism while legitimizing and incorporating their values, particularly surveillance. For that purpose, we assume that television journalism is a cultural form and the ways of doing interview are strongly related to the cultural context it is in. Finally, we present some methodological approaches to the analysis of television news.

Keywords

Interview, television journalism, cultural history, surveillance.

Dentre os formatos do telejornalismo, os programas de entrevista têm, consistentemente, se aproximado dos valores institucionais do jornalismo a partir da promessa da efetivação de um debate público. Por conta disso, a entrevista ocupa um lugar relevante nas análises acadêmicas que buscam compreender as formas contemporâneas do telejornalismo, os processos de apuração das notícias, a configuração de uma esfera pública, entre outros desdobramentos.

As formas de entrevistar são contempladas por boa parte dos manuais de redação evidenciando a postura que o repórter/apresentador deve possuir para obter informações. Manuel Mateo (1998) afirma que o papel dos entrevistadores, o lugar discursivo concedido à fonte, a temática e a construção da cena televisiva devem ser cuidadosamente pensados pelas equipes de produção a fim de assegurar ao telespectador um formato essencialmente jornalístico. Nas entrevistas jornalísticas, o apresentador é o condutor de perguntas que visam transmitir o conhecimento do entrevistado para a audiência, que é posicionada enquanto aprendiz. Sua função no programa é dar visibilidade à fonte, um especialista ou representante oficial, que concede informações relevantes e atuais. O cenário discreto visa colocar ênfase apenas na conversa entre os participantes, dando destaque às informações trocadas.

Clayman e Heritage (2004) assumem que os assuntos referentes ao interesse público geral são discutidos nas entrevistas com os representantes das esferas de poder, configurando um papel social relevante na formação de uma esfera pública contemporânea. Assim, segundo os autores, a entrevista jornalística é

um *locus* de encontros diretos e essencialmente espontâneos entre jornalistas e uma ampla variedade de figuras públicas, incluindo oficiais do governo nos mais altos cargos. É uma arena na qual jornalistas representam certas funções democráticas: solicitando declarações sobre políticas oficiais, mantendo os políticos responsáveis por suas ações, e controlando os parâmetros do debate público, tudo isso sob o escrutínio da cidadania³ (CLAYMAN e HERITAGE, 2004, p. 2, tradução nossa).

3 "it is a locus of direct and essentially unscripted encounters between journalists and a wide range of public figures, including government officials at the highest levels. It is an arena in which journalists perform certain core of democratic functions: soliciting statements of official policy, holding officials accountable for their actions, and managing the parameters

No Brasil, as abordagens mais recorrentes sobre a entrevista jornalística não diferem das mencionadas acima, buscando algum tipo de classificação que efetue uma distinção especialmente com relação aos objetivos e formas de realizar entrevistas. Cárlica Emerim Pereira (2004) explica que os esforços da bibliografia especializada concentram-se em criar tipologias, muitas vezes ambíguas, que procuram encerrar todas as formas de entrevistar, seja no jornalismo impresso, seja no televisivo.

Hodiernamente, a entrevista é considerada uma forma por excelência do jornalismo para a obtenção das informações, que se consolidou a partir de construções historicamente forjadas no paradigma do jornalismo informativo no século XIX. Segundo Michael Schudson (2003), apesar de a obtenção de informações por meio do binômio pergunta-resposta ser uma prática dispersa nas atividades cotidianas, desde a formação do modelo hegemônico do jornalismo informativo ela tem sido associada ao trabalho dos repórteres para obtenção de dados.

É preciso considerar que estes significados e usos da entrevista pelo jornalismo são culturais e formados historicamente. Logo, a compreensão do fenômeno exige uma análise que contemple, também, as relações entre a prática jornalística e a cultura que configura seu modo de fazer e as expectativas em torno dela. O presente artigo pretende efetuar uma análise da entrevista televisiva buscando compreender como, ao longo da história da TV, ela foi incorporando valores do jornalismo, em especial o de vigilância, um dos mais ressaltados pelos profissionais do campo jornalístico e pela academia⁴. A vigilância é um dos valores do jornalismo que mais o articula com o campo político institucional. Sendo assim, esta será a principal dimensão contextual que consideraremos no presente artigo. Por fim, ele aponta um caminho metodológico para a análise do telejornalismo e suas práticas que se articule com as formas culturais vigentes.

---

of public debate, all this under the immediate scrutiny of citizenry" (CLAYMAN e HERITAGE, 2004, p. 2).

4 Este artigo resgata e articula, sob um novo enfoque, discussões presentes em pesquisas anteriores (SILVA, 2012a, 2012b, 2011), apresentando-se como um desdobramento delas.

A entrevista no telejornalismo e sua formação cultural

Conforme discutimos em outra ocasião (SILVA, 2012), o termo “entrevista” deriva do verbo “entrever”, empregado pela primeira vez em francês, no século XI, carregando o sentido reflexivo que indicava “ver-se mutuamente”. Como consequência, “entrevista” passou a ser empregado como encontro entre duas ou mais pessoas para tratar de qualquer assunto⁵. O termo não possuía um sentido de esclarecimento, mas buscava reproduzir a casualidade dos encontros da vida cotidiana. No século XV, a palavra “entrevista” passou a ser usada como “vislumbre”, “ver imperfeitamente, sem distinção”.

A emergência da entrevista como prática legítima do jornalismo aconteceu paralelamente à profissionalização dos repórteres e sua busca por autonomia. “Entrevista”, já adaptada para o inglês “interview”, passou a ser o encontro marcado para esclarecer os pronunciamentos de alguém. Por conta disso, os primeiros entrevistados eram personalidades públicas. Embora fosse vista com desconfiança por parte de jornalistas mais experientes e das fontes – que temiam por uma invasão de privacidade – a entrevista institucionalizou-se como prática jornalística quando o repórter ganhou o atributo de intérprete privilegiado da realidade, já no início do século XX. Segundo Michael Schudson (2003), o jornalista Horace Greeley, do *New York Tribune* foi um dos pioneiros na publicação de entrevista no formato hoje conhecido como “pingue-pongue”, em 1859.

Por ter sido incorporada ao jornalismo num momento de democratização, a entrevista – concebida como um vislumbre, o esclarecimento de algo – incorporou os valores do jornalismo que mais o aproximava de seu papel na democracia, especialmente pela vinculação com o campo político. A aproximação entre as duas esferas é comum entre os autores interessados na relação entre jornalismo e esfera pública, por isso, entrevista e política aparecem como uma relação natural. Clayman e Heritage (1999) afirmam que os primeiros

5 Informações disponíveis em: <http://etimologias.dechile.net/?entrevista> e http://www.lesensdesmots.com/docs/000027866.html?qid=sdx_q0. Acesso em: 13 jan. 2012.

programas televisivos de entrevista dos Estados Unidos emergiram baseados no modelo das entrevistas coletivas já praticadas pelos representantes da Casa Branca. Bernard Timberg (2004) aponta para a tensa entrevista que o jornalista Edward Murrow realizou com o senador Joseph McCarthy no programa *See It Now* assegurando um lugar na história da televisão norte-americana. Henrik Örnebring (2003) relata que, no período que ele designou como “debate cortês”, os programas de debate da Suécia assemelhavam-se às sessões oficiais do Parlamento Nacional, o que se expressava pelos nomes dos programas: *The little house*, *The new house*, *Evening plenary*.

É nesse sentido que a noção de vigilância emerge como um conceito fundamental para caracterizar a relação entre jornalismo e política. Ancorados no sentido tradicional de vigilância⁶, os jornalistas contemporâneos assumem um papel de cães de guarda do poder institucional, fiscalizando suas ações e divulgando-as à sociedade. Os estudos de jornalismo desconsideram, porém, que há transformações no modo como os jornalistas desempenham esse papel. Afonso de Albuquerque (1999) demonstra, porém, que a efetivação do papel de “quarto poder” não se dá de maneira evidente e semelhante nas diferentes culturas, mas possui variações que decorrem das relações construídas, em países diversos, entre a comunicação e a política. É por conta do reconhecimento da fragilidade das instituições políticas que a mídia brasileira se assume como intérprete privilegiada dos interesses e árbitro dos três poderes constitucionais. Ao desempenhar o papel de poder moderador, a imprensa brasileira reivindica-se autoridade para colocar um poder contra o outro a fim de manter a ordem pública.

No telejornalismo, a vinculação entre os dois campos não foi diferente. Segundo Ricardo Amorim (2011), desde os primeiros anos de transmissão televisiva as emissoras investiam em programas de entrevistas, exibidos tarde da noite, como foi o caso de *Pinga fogo* (TV Tupi) e *Território livre* (TV

6 Segundo Nelson Traquina (2004), a expressão “quarto poder” (traduzida do inglês *Fourth State*) foi utilizada pela primeira vez em 1828 pelo deputado inglês McCaulay, ao referir-se à galeria onde se sentavam os jornalistas que cobriam os debates parlamentares. A ideia de uma mídia que vigiasse os três poderes constitucionais logo penetrou no discurso autolegitimador do jornalismo, que se apresentava na dupla função de representar a opinião pública e vigiar o poder.

Record), programas que configuraram um modo de fazer entrevista através da dureza das perguntas. Como boa parte dos entrevistados eram representantes políticos que tinham de prestar esclarecimentos sobre suas decisões públicas, a entrevista incorporava, nestes programas, o papel de vigilância do jornalismo, ou seja, de tornar públicas as informações que diziam respeito ao Estado. Na crítica televisiva disponível sobre o período há um destaque para as entrevistas com representantes políticos, mesmo naqueles programas que não seguiam propriamente as regras da entrevista jornalística, como era o caso do *Bate-papo com Silveira Sampaio* (TV Tupi). A colunista de O Estado de S. Paulo, Liane Alves, escreveu em 1978 que:

(...) houve época – mais precisamente no início da década de 60 – em que a ardente retórica política de um Carlos Lacerda ou os entreversos de ousada efervescência verbal entre políticos conseguiram atrair mais público do que as atuais lágrimas de Sônia Braga durante os capítulos de *Dancin' days* (ALVES, 1978, p. 15).

No período anterior à ditadura, quando a linguagem televisiva ainda se formava juntamente com as regras e expectativas dos gêneros televisivos, a aparição de temas políticos em programas conferia à TV estatuto de seriedade, uma vez que o veículo era visto pela sociedade como primordialmente voltado ao entretenimento. A preocupação com a defesa de ideias e de partidos por parte dos jornalistas significava menos do que o inquérito aos membros do poder. Sendo assim, fazer parte do campo jornalístico estava diretamente relacionado a ter a política como tema central das entrevistas, assunto considerado como primordial na defesa do interesse público.

Almeida e Weis (1998) explicam que, durante o período da ditadura militar, levantaram-se diversas formas de oposição na vida cotidiana dos brasileiros, o que se estendeu para diversas áreas profissionais, inclusive para o jornalismo. No período de 1964 a 1968, os opositores ao governo militar efetuavam ações que visavam testar os limites da censura, a fim de balizar sobre o que se poderia

pensar, falar ou o que fazer. Sendo assim, “interessar-se ou participar como militante, simpatizante ou mero curioso – no inesgotável debate de ideais” (WEIS; ALMEIDA, 1998, p. 330) era uma forma de manifestar resistência ao governo militar. Situados nesse momento, os programas televisivos que tinham a entrevista como base de sua estrutura aproveitavam-se do momento histórico para fomentar o debate de ideias. A crítica televisiva sobre o *Pinga Fogo*, por exemplo, não aponta a defesa de posições políticas como uma marca do programa. Desde que se discutissem os assuntos políticos e desde que houvesse liberdade para manifestar ideias – quaisquer que fossem – o programa estaria ocupando seu lugar de vigilância e serviço ao interesse público.

O período entre 1969 e 1974, no entanto, foi marcado por outra postura na relação entre a entrevista televisiva e os valores do jornalismo. Boa parte da bibliografia especializada em história do telejornalismo aponta o enrijecimento da censura e o autoritarismo como definidores das práticas jornalísticas, que já não possuíam liberdade para tratar de temas políticos sob qualquer ponto de vista, assim como salienta a adesão das emissoras ao governo militar e o serviço aos seus propósitos. No entanto, se por um lado houve uma inegável redução de programas voltados para o debate de ideias, a entrevista televisiva não deixou de existir e não estava atrelada apenas a uma publicização das ações do governo. Nesse período, cresceu o número de programas que usavam a entrevista resgatando o sentido de encontro para tratar de assuntos do cotidiano. Se esses produtos não aumentaram a qualidade dos debates na televisão, serviram para que os jornalistas de televisão marcassem seu lugar no campo jornalístico.

Por isso, os manuais contemporâneos de telejornalismo são cuidadosos em distinguir a entrevista jornalística daquela que se volta ao entretenimento. Os programas seguindo a lógica do entretenimento, que na tradição brasileira passaram a designar-se *talk shows*⁷, eram norteados por outros parâmetros.

7 Ainda nos *talk shows* a política era um valor relevante para a configuração do gênero, embora a postura dos apresentadores não fosse contestadora. Uma análise mais detida sobre os *talk shows* no Brasil encontra-se em F. Silva (2012).

No entanto, pelo fato de utilizarem a entrevista, sempre provocaram rupturas com relação às expectativas entre um e outro modelo. Assim, os jornalistas de televisão buscavam criar barreiras entre jornalismo e entretenimento, assegurando a preservação dos formatos, entre eles, a entrevista, como afirmou Ferreira Netto:

Estranho o que se passa na tevê brasileira. Enquanto uns lutam pela regulamentação do jornalista, outros profissionais do ramo continuam burlando a mesma. Isso aconteceu, pasmem, durante o 'Moacir Franco Show', onde o humorista-apresentador-cantor, fazendo as vezes de jornalista, entrevistou com a maior naturalidade o ex-presidente do Sindicato dos Jornalistas, Audálio Dantas (...). (NETTO, 02 ago. 1978, p.20).

Os principais tensionamentos ocorreram, porém, no período que se iniciou em 1975, com o enfraquecimento da ditadura. A incerteza sobre os rumos da ditadura trouxe como consequência a busca pela democracia como um fim em si (WEIS; ALMEIDA, 1998, p. 336), o que provocou a reorganização de diversos setores da sociedade, inclusive do jornalístico. Foi no período mais acirrado da ditadura que o jornalismo mais se modernizou – a revista *Veja* nasceu em 1968; o *Jornal Nacional*, em 1969; o *Globo Repórter*, em 1972 – o que provocou, no campo produtivo, reflexões sobre a relação dos jornalistas com as fontes oficiais, com a hierarquia dos fatos, com personagens que seriam protagonistas das notícias. Por conta desse desenvolvimento, os jornalistas mantinham uma oposição relativa contra a ditadura. Para os telespectadores que esperavam um debate público, os programas que não se posicionavam claramente contra a ditadura eram tidos como mornos e parciais, como foi o caso da reedição do programa *Pinga fogo*, no final dos anos 1970.

Para dar conta das transformações que se acenderam naquele momento, o jornalismo assumiu o papel de informar os fatos e, ao mesmo tempo, de fazer pensar sobre eles. Segundo Weis e Almeida, "a oposição jornalística não

consistia em outra coisa, senão em querer transmitir ao público os fatos que contavam, com precisão e objetividade, e as diversas ideias que pudessem iluminá-los” (WEIS; ALMEIDA, 1998, p. 358). Assim, cresceu o lugar da objetividade no telejornalismo, não só em função da dimensão política que circulava nos meios, mas por conta da profissionalização e modernização do jornalismo iniciada nos anos cinquenta.

Por outro lado, a entrevista passou a ser o lugar do telejornalismo “fazer pensar”, não apenas em programas estruturados em torno dela, mas no próprio modo como aparecia nos telejornais. O Bom *Dia Brasil*, da TV Globo, surgiu em 1983 com o propósito de articular, em sua estrutura, reportagens e entrevistas sobre política e economia. Carlos Monforte, jornalista e editor do programa, contribuiu para consolidar essa posição do telejornal entre os outros da grade, realizando entrevistas com representantes do campo político, levando-os para o estúdio do programa e dando-lhes um espaço mais amplo que uma sonora. Monforte cultivou o hábito de frequentar o Palácio do Planalto e o Congresso a fim de encontrar notícias e convidados para seu programa.

Como consequência, a vigilância assumiu uma dimensão de proximidade entre os jornalistas e as fontes oficiais. Segundo Weis e Almeida, os jornalistas focalizaram em um só ator: o governo (WEIS; ALMEIDA, 1998, p. 359). Isso trouxe consequências na construção dos programas de entrevistas, com relação às áreas de atuação do entrevistado, a presença de jornalistas como principais entrevistadores, a convocação da participação do público com perguntas por telefone.

Tomemos, como exemplo, o programa *Roda viva*, da TV Cultura⁸, apontado pela crítica televisiva como um dos principais programas de entrevista da história televisiva brasileira. Em 1986, ano de sua estreia, dos sete programas resgatados, três tiveram como convidados representantes diretamente vinculados ao campo

8 Os dados utilizados nesta análise – informações sobre o programa, vídeos e transcrições das entrevistas – encontram-se disponíveis no site <http://www.rodaviva.fapesp.br/>. Uma análise mais específica sobre o programa encontra-se em F. Silva (2011).

político: o ex-ministro da Justiça, Paulo Brossard (29 set. 1986), Fernando Gabeira, que havia concorrido ao governo do Rio de Janeiro (22 dez. 1986) e Luis Carlos Prestes, ex-secretário do Partido Comunista Brasileiro (1º jan. 1986)⁹. Também chama atenção a presença de jornalistas de diversos veículos para atuarem como entrevistadores, numa tentativa de tornar a entrevista uma prática típica do campo profissional jornalístico. No primeiro ano de *Roda viva*, dos oitenta e cinco entrevistadores, cinquenta eram jornalistas (entre repórteres, editores, locutores, apresentadores) e trinta e cinco tinham alguma relação com a área do entrevistado (representantes políticos, sindicalistas, artistas), além de participantes do público que faziam perguntas por telefone. A proposta do programa, atuando como um inquisidor dos poderes públicos e um representante do cidadão, evidenciava-se em especial nas perguntas realizadas.

Vale considerar que essa aproximação entre entrevista, política e valores do jornalismo reflete uma perspectiva dominante acerca do que se espera do jornalismo. Política não era o tema exclusivo do programa, mas era o que assegurava sua legitimidade no campo televisivo, por isso era sempre destacado na crítica. Houve, no entanto, outras variações, como o programa *Canal livre* (Bandeirantes), um importante programa de entrevistas na história televisiva, que teve, no ano de 1980, a edição que entrevistou Dercy Gonçalves como a mais bem avaliada pela revista *Veja* (VEJA, 1980, p. 152).

Os parâmetros estabelecidos naquele período parecem ter configurado as expectativas acerca da entrevista jornalística televisiva para os anos posteriores, apesar das transformações nos programas. A vigilância do campo político continuou sendo a tônica dos programas, no entanto competindo com outras áreas da sociedade. Em 1996, oito entrevistados de *Roda Viva* eram vinculados ao campo político (personalidades com cargos em um dos três poderes, atuantes ou tendo atuado no passado; sindicalistas), sete da área de cultura, quatro dos esportes, cinco pensadores, três jornalistas e um médico legista, associado ao

9 Houve também a participação de Ronaldo Caiado, presidente da União Democrática Ruralista (06 out. 1986) que se lançou candidato à presidência da República em 1989.

caso PC Farias. Isso demonstra uma tentativa de manter um certo equilíbrio no programa, ao mesmo tempo que sugere uma ampliação do exercício da vigilância se estendendo para diversas áreas e não apenas para a política.

No entanto, nem sempre o alargamento das áreas em debate no programa agradou os críticos da televisão. Em 2001, a revista IstoÉ qualificou o programa como “morno, sem vibração e, muitas vezes, chato” por causa da mudança em seu perfil: “ministros, deputados, senadores e governadores não são mais a maioria entre os entrevistados e temas mais leves ou acadêmicos têm sido abordados freqüentemente” (MONZILLO, 2001). Ainda segundo a reportagem, o programa apresentava sinais de melhora para o ano seguinte, quando, por conta das eleições presidenciais, planejava levar os candidatos à arena do programa. Embora seja possível que a perda da qualidade se associe a uma mudança na forma de entrevistar (como os convidados eram pensadores e profissionais de artes, as perguntas tendiam a ser mais informativas do que investigativas. Isso parece ter configurado uma desqualificação do debate, que se tornou menos polêmico e tenso, e mais informativo e consensual), o que a revista ressalta como ponto central é a mudança dos entrevistados. Assim, a crítica televisiva se mostra conservadora com relação ao desempenho do valor de vigilância, recorrendo a paradigmas anteriores para avaliar o programa.

Considerações metodológicas e seus desafios

A perspectiva aqui adotada sobre o telejornalismo o considera uma instituição social em permanente transformação em sua relação com a cultura. Por isso, assumir que os conceitos e as formas materiais em que se expressam os valores do jornalismo são perenes pode limitar um olhar para as inovações das práticas jornalísticas, para o resgate de formas do passado e para as tendências futuras. No plano metodológico, ressaltamos o conceito de estrutura de sentimento, formulado por Raymond Williams (1979), para dar conta dos aspectos processuais que envolvem um produto cultural, no nosso

caso, o telejornalismo. O conceito de estrutura de sentimento permite dar conta dos elementos formados na cultura, mas do modo como eles são praticados ativamente na sociedade. Segundo Itania Gomes, estrutura de sentimento “permite um olhar para o processo, para o modo como o telejornalismo é construído processualmente e, assim, acessar a emergência de novas características que ainda não se cristalizaram em ideologias, convenções, normas, gêneros” (GOMES, 2007, p. 14).

A obra de Williams destinava-se a formular uma teoria cultural que permitisse superar a especificidade das obras, mas que não se voltasse exclusivamente para o contexto. Quando aborda a literatura, um de seus principais objetos de análise, Williams ressalta a necessidade de considerar uma relação entre arte e sociedade que precisa ser entendida para além dos limites estéticos imanentes à obra. A arte, segundo Williams, é uma prática da sociedade e, por isso, não pode ser separada dela na análise.

Se estivermos buscando as relações entre literatura e sociedade, não poderemos nem separar essa prática de um corpo formado por outras práticas, nem, ao identificarmos uma prática particular, deveremos entendê-la como possuindo uma relação uniforme, estática e a-histórica com algumas formações sociais abstratas (WILLIAMS, 2011, p. 62).

Retomando o objetivo deste artigo, nosso propósito não foi descrever as atuais formas de se fazer entrevista, mas principalmente evidenciar o modo como ela se articulou à vigilância ao longo da história da televisão. A adoção ou rejeição de certos valores esteve vinculada ao contexto cultural que, neste artigo, foi associado ao quadro político. Por isso, procuramos articular metodologicamente uma leitura dos programas televisivos ao material que circulava sobre eles em revistas e jornais. O papel dos entrevistadores, as principais temáticas, o posicionamento dos entrevistados foram analisados em conjunto com as avaliações sobre os programas. Assim, foi possível reconhecer certas expectativas com relação ao jornalismo, como é o caso da vigilância em

Roda viva. Embora nos anos mais recentes o programa tenha diversificado o espectro de convidados, a cobrança maior dos jornalistas continuou sendo pela presença de representantes políticos, como se este assunto fosse mais central ao papel de representar o interesse do público.

Em sua proposição metodológica, Itania Gomes destaca a necessidade de levar em conta a história cultural do jornalismo, justamente para compreender como tais valores foram reconfigurados na sociedade:

trata-se, antes, de estar atento ao trabalho dos historiadores do jornalismo e de, na análise de produtos concretos, observar os significados e deslocamentos de significados que as palavras-chave que definem o jornalismo como instituição – objetividade, imparcialidade, interesse público, responsabilidade social, liberdade de expressão, atualidade, quarto poder, para dizer apenas algumas - adquirem (GOMES, 2007, p. 17-18).

Assim sendo, a análise do produto jornalístico televisivo deve considerar:

- a) *Matrizes históricas*: os programas televisivos estabelecem uma relação de continuidade com certas convenções estabelecidas historicamente. Na breve análise que efetuamos acima, demonstramos que há uma expectativa social do status dos entrevistados em programas de entrevistas que conferem (ou não) legitimidade ao produto. A relação entre programa de entrevista e representantes do campo político institucional não é própria da natureza destes programas, mas de uma construção que foi aceita e se estabeleceu como dominante na formação do gênero. Segundo J. Martin-Barbero (2006), são as matrizes culturais que permitem a formação dos hábitos de audiência e dos significados sociais assumidos pelos produtos.
- b) *Práticas dominantes, residuais e emergentes*: se por um lado os programas atualizam convenções históricas numa relação de continuidade, há também uma série de rupturas efetuadas nos textos que devem ser consideradas. Certos aspectos residuais e emergentes podem se opor ao

modelo dominante estabelecido provocando tensionamentos no gênero¹⁰. Segundo Itania Gomes (2007), os conceitos de emergente, dominante e residual permitem ao analista compreender as diversas temporalidades que envolvem o fenômeno cultural e que colocam presente, passado e futuro em relação.

- c) *Dimensões contextuais*: embora não se pretenda defender que a análise se volte para a reconstrução do contexto – político, econômico, social etc – é necessário levar em conta que as configurações do produto jornalístico televisivo dialogam com aspectos externos ao texto. Como afirma R. Williams (2011), as dimensões externas podem provocar rupturas e transformações internas¹¹. Neste artigo pretendemos mostrar como a noção de vigilância foi se transformando a partir do cenário político, desde uma fase anterior à ditadura militar até o período de redemocratização. Parte desse contexto pode ser observada nos paratextos que circulam sobre os produtos – reportagens, críticas, notas, comentários em blogs e comunidades de fãs, cartas de leitores – que revelam não apenas o que se considera como marca dominante, como também o status dos produtos no cenário midiático. É o que nos permite compreender *Canal Livre* e *Roda Viva* como programas relevantes na história televisiva nacional e como parâmetros para avaliação de outros do mesmo gênero.
- d) *Valores do jornalismo*: implica considerar o telejornalismo como instituição social. Nos termos de R. Williams (1979), as instituições formais são responsáveis pela socialização de valores, conceitos e práticas que se relacionam diretamente com o hegemônico. No entanto, elas não são estanques no tempo, mas são tensionadas por outras de onde emergem valores alternativos. Assim, as instituições não são fixas no tempo e nem

10 Segundo Williams (1979), enquanto o dominante diz respeito às práticas e valores mais recorrentes, o residual ressalta os aspectos formados no passado mais ainda em uso no presente, e o emergente diz respeito àquilo que, opondo-se ao dominante, pode representar uma transformação futura.

11 Uma boa análise de como o contexto pode interferir nas formas de fazer dos programas encontra-se em Örnebring, 2004.

traduzem todo o pensamento de uma sociedade, mas apenas a consciência de uma parcela dominante. Por isso, na análise dos produtos, é preciso considerar os valores conformadores do jornalismo – objetividade, atualidade, vigilância, interesse público etc. – sustentados por jornalistas, agentes sociais e pela própria sociedade. No entanto, esses valores estão em permanente transformação, tendo seus significados reconfigurados de acordo com as mudanças culturais. Segundo Itania Gomes:

é preciso tomar em consideração na análise como valores e normas que configuram o jornalismo e as expectativas sociais sobre o jornalismo tomam corpo em um programa telejornalístico específico esse programa *atualiza* essas normas e valores jornalísticos socialmente reconhecidos (GOMES, 2007, p. 13-14).

As proposições aqui levantadas não pretendem desconstruir outros modelos de análise do telejornalismo, mas apenas apontar um caminho que relaciona os produtos televisuais com seu contexto, tema ainda desafiador nas pesquisas em comunicação. Assim, nosso objetivo é contribuir com a área propondo reflexões que permitam efetuar uma relação entre a análise interna dos produtos e seus modos de produção, com a cultura e a sociedade.

Referências

- ALBUQUERQUE, A. "Um outro quarto poder: imprensa e compromisso político no Brasil". In: *Revista Fronteiras – estudos midiáticos*, vol. 1, dezembro de 1999.
- ALMEIDA, M. H. T.; WEIS, L. "Carro zero e pau de arara: o cotidiano da oposição da classe média ao regime militar". In: NOVAIS, F. A.; SCHWARCZ, L. M. (orgs.). *História da vida vivada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, vol. 4, pp. 319 - 409.
- ALVES, L. A contida volta do debate na TV. *Jornal O Estado de S. Paulo*, 30 set. 1978, p. 15.
- AMORIM, E. R. *O Telejornalismo nos décadas de 50 e 60*. Material de pesquisa no Acervo Multimídia do Centro Cultural São Paulo, São Paulo, abr. 2011.
- CLAYMAN, S.; HERITAGE, J. *The news interview: journalists and public figures on the air*. Londres, Cambridge University Press, 2004, 372p.
- GOMES, I. "Questão de método na análise do telejornalismo: premissas, conceitos, operadores de análise". *E-compós*, 2007, vol. 2.
- MARTÍN-BARBERO, J. *Dos meios às mediações*. Comunicação, Cultura e Hegemonia, 4ª ed., Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 2006.
- MATEU, M. "La entrevista en televisión". In: BALSEBRE, A.; MATEU, M.; VIDAL, D. *La entrevista em radio, televisión y prensa*. Madrid, Ediciones Cátedra, 1998, pp. 149-244.
- MONZILO, M. "Roda Morna no Roda Viva". *IstoÉ Gente*, 06 set. 2001. Disponível em <http://www.tv-pesquisa.com.puc-rio.br/mostraregistro.asp?CodRegistro=72208&PageNo=3>, Acessada em: 17 jul. 2012.
- NETTO, F. "Estranho...". *Folha da Tarde*. 02 ago. 1978, p.20.
- ÖRNEBRING, H. "Televising the Public Sphere. Forty years of current affairs debate programmes on Swedish television". In: *European Journal of Communication*. Vol 18 (4), 2003, 501-527.

PEREIRA, C. E. J. *Produção televisiva: as diferentes funções estratégicas da entrevista na configuração discursiva da notícia*. 2004. 254f. Tese (Doutorado em Comunicação). Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio Sinos, São Leopoldo, 2004.

SCHUDSON, M. "Question of authority: a history of the news interview". In: *The Power of News*. Cambridge, Londres, Harvard University Press, 2003b, pp.72-93.

SILVA, F. M. "O Roda Viva e as estratégias de construção de um debate público". In: GOMES, I. M. M. (Org.). *Gêneros televisivos e modos de endereçamento no telejornalismo*. 1ª ed. Salvador: Edufba, 2011, pp. 49-74.

SILVA, F. M. "Gênero televisivo e história cultural: pressupostos para uma análise do talk show". In: XXI Encontro Anual da Compós, 2012, Juiz de Fora. XXI Encontro Anual da Compós, 2012a. v. 1. pp. 1-16.

SILVA, Fernanda Mauricio. "Marcas do passado tecendo o presente: a formação histórica de programas de entrevistas no Brasil". In: GOMES, Itania. *Análise de Telejornalismo: desafios teórico-metodológicos*. Salvador: EDUFBA, 2012b, pp. 167, 186.

TIMBERG, B. M. *Television Talk: a history of the TV talk show*. Texas, University of Texas, 2004.

TRAQUINA, N. *Teorias do jornalismo: porque as notícias são como são*. Florianópolis: Insular, vol. 1, 2004, 224p.

WILLIAMS, R. *Marxismo e Literatura*. Trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979, pp. 179-184.

WILLIAMS, R. "Base e superestrutura na teoria da cultura marxista". In: *Cultura e Materialismo*. São Paulo: Editora Unesp, 2011, pp. 43-67.